

O Kerbfest como patrimônio teuto-brasileiro: Estudo de caso do município de Seara/SC (1993-2005)

Kerbfest as a German-Brazilian heritage: A Case Study in the Municipality of Seara/SC (1993-2005)

Sandra Kuester*

<https://orcid.org/0000-0003-3067-6127>

Jaisson Teixeira Lino**

<https://orcid.org/0000-0001-5582-526X>

Mirian Carbonera***

<https://orcid.org/0000-0003-3651-1438>

Resumo

Neste artigo é analisado o *Kerbfest*, uma festividade que ocorre no município de Seara no oeste de Santa Catarina. A festividade iniciou em Seara em 1993 e sua realização se estende à atualidade. Ela é uma promoção realizada pelo grupo teuto-brasileiro juntamente com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). O recorte temporal analisado abrange de 1993 a 2005 e as fontes pesquisadas foram atas de reuniões, gravações audiovisuais, fotografias, jornais e entrevistas. A análise das fontes permitiu observar que o *Kerbfest* é uma festividade construída no Brasil e não uma herança germânica trazida pelos imigrantes. A festa possui representações de uma coletividade retratando não somente o município, mas várias localidades que passaram pelo processo de imigração alemã e que desejavam construir laços de pertencimento e identidade.

Palavras-chave: Kerbfest; Cultura Teuto-Brasileira; Patrimônio Cultural.

Abstract

This article analyses *Kerbfest*, a celebration that takes place in the municipality of Seara in the western region of Santa Catarina, Brazil. This party started in Seara in 1993 and continues to the present. It is organised by the German-

* Mestra em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: sandrakuester92@gmail.com

** Doutor em Arqueologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, Portugal. Professor associado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: lino@uffs.edu.br

*** Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECO). E-mail: mirianc@unochapeco.edu.br



Brazilian group together with the Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil. The time frame analysed was 1993 to 2005 and the sources observed were meeting minutes, audiovisual recordings, photographs, newspapers, and interviews. Analysing the sources allowed us to see that *Kerbfest* is a festivity built in Brazil and not a Germanic heritage brought by immigrants. The festival has representations of a collectivity, portraying not just the municipality of Seara, but various localities that went through the processes of German immigration that wanted to build bonds of belonging and identity.

Keywords: Kerbfest; German-Brazilian Culture; Cultural Heritage.

Introdução

O *Kerbfest* é uma festividade teuto-brasileira que possui particularidades de acordo com a comunidade que a celebra. Em Seara (Santa Catarina), esse evento começou a ser praticado em 1993 e ocorre até a atualidade, sendo uma realização da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). O presente artigo enquadra-se no recorte de 1993 a 2005, cuja temporalidade expressou mudanças significativas na maneira de festejar os aspectos representativos do teuto-brasileiro. Tais mudanças foram percebidas através do uso de variadas fontes primárias, como atas de reuniões, gravações audiovisuais, fotografias, jornais e entrevistas.

Em Seara, o *Kerbfest* é realizado como comemoração da construção do templo da IECLB. Também é um evento em que a cultura teuto-brasileira da região é evidenciada por meio da culinária, dança, música, língua etc. A festividade, porém, não é restrita à comunidade alemã, já que inclui as etnias ítalo-brasileira e a cabocla. Essa inclusão é evidenciada em momentos como os desfiles de carros alegóricos, o preparo dos alimentos e as trocas de visitações, que são acordos realizados entre os organizadores de eventos distintos, a fim de que uma organização se comprometa a participar do evento da outra, garantindo, dessa forma, maior público. Essas negociações começaram a ser evidenciadas nas atas a partir de 2002, onde foram organizadas viagens de comunidades dos municípios de Ipira/SC, Cunha Porã/SC, Concórdia/SC, Arvoredo/SC e Arabutã/SC (IECLB, 2002, p. 34)¹.

Assim, o *Kerbfest* enquanto manifestação turística, promove a memória e a valorização da história da comunidade, abrindo para participantes de fora da comunidade que está na origem da organização da festa a possibilidade

¹ Fonte: Acervo fotográfico e documental IECLB. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (2002).

de trocas culturais e rituais de sociabilidade, além da geração de renda econômica inerente ao evento em si. Logo, a principal característica do *Kerbfest* searaense é seu dinamismo, pois além de possibilitar trocas étnicas, sofreu mudanças ao longo de suas edições. Um exemplo disso, foram as adaptações com a legislação e as ações tomadas para atrair o público.

A colonização teuto-brasileira de Seara

Para entender o *Kerbfest* em Seara, é crucial analisar suas origens ligadas à colonização. O processo colonial envolveu a implementação de programas para subdividir grandes propriedades e estabelecer famílias de agricultores em lotes demarcados. Essa iniciativa contou com programas de apoio e supervisão para imigrantes e pequenos proprietários rurais (Piazza, 1994)².

Segundo Seyferth (1999)³, os alemães começaram a chegar no Brasil com a instalação das primeiras colônias: primeiro na Bahia em 1818 e posteriormente no Rio de Janeiro em 1819. Para o caso do Brasil meridional, o povoamento sistemático iniciou-se em 1824 (Willem, 1946)⁴. Segundo Valentini (2009)⁵, no início do século XX, a *Southern Brazil Lumber & Colonization Company* atuou na região oeste de Santa Catarina, focando na extração madeireira e na venda de ‘terras devolutas’ a imigrantes. A colonização de Concórdia, segundo Radin (2006)⁶, foi delegada à Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia pela empresa anteriormente mencionada. Seara, inicialmente um vilarejo de Concórdia, foi colonizada na primeira metade do século XX por imigrantes gaúchos que viram suas terras esgotadas e limitadas para o número crescente das famílias agricultoras (Gonçalves et al., 2004)⁷. O reconhecimento da região da atual sede de Seara ocorreu em 1923. No ano seguinte, iniciou-se o processo de colonização, porém, a fixação dos colonos ocorreu com maior intensidade

² Cf. Piazza, W. F. (1994). A colonização de Santa Catarina. Lunardelli.

³ Cf. Seyferth, G. (1999). A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In B. Fausto (Org.), *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina* (pp. 273-313). EDUSP.

⁴ Cf. Willem, E. (1946). A Aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. Companhia Editoria Nacional.

⁵ Cf. Valentini, D. J. (2009). Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906 - 1916) [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional PUCRS. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3882>

⁶ Cf. Radin, J. C. (2006). Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].

⁷ Cf. Gonçalves, E., Manfroi, F., & Nardi, I. (2004). Sociedade searaense: o processo de colonização [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade do Contestado].

a partir de 1927. Por fim, Seara emancipou-se de Concórdia em 3 de abril de 1954 (Gonçalves et al., 2004)⁸.

Embora o foco do presente artigo seja os alemães e teuto-brasileiros de Seara, é importante salientar que a maioria dos imigrantes da região era composta por italianos e ítalo-brasileiros. Além disso, outras etnias habitavam a região, como é o caso dos índios Kaingang que ocupavam as margens do Rio Uruguai e seus afluentes. Sendo assim, a população teuto-brasileira era uma minoria étnica em termos demográficos.

Entre 1993 e 2005, Seara possuía uma população aproximada de 15.500 a 17.000 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019)⁹. Na economia, destacaram-se a agroindústria e a pecuária, primeiro com a presença de um moinho (1951) e mais tarde com agroindústrias como a Seara Alimentos (1956). Uma das consequências mais visíveis do processo de industrialização foi o êxodo rural, fenômeno que ocorreu de maneira semelhante em várias regiões do país. De acordo com Seyferth (1981)¹⁰, outro efeito da industrialização foi o aumento do comércio e o empenho do colono em cultivar o que há de maior expressão comercial. Além disso, o uso da língua portuguesa tornou-se necessário, o que não era tão comum nas comunidades rurais formadas por imigrantes, onde o uso de dialetos era predominante. Os moradores do meio rural nas colônias alemãs de Seara continuavam a utilizar o dialeto em seu cotidiano. Já na área urbana, os teuto-brasileiros adaptaram-se à industrialização, focando sua língua e cultura principalmente no âmbito familiar e religioso.

A Igreja Luterana de Seara

O luteranismo chegou ao Brasil como uma religião da imigração alemã e esteve vinculado com a etnicidade de grupos germânicos. Segundo Jungblut (1994)¹¹, os imigrantes alemães ou teuto-brasileiros de devação protestante praticavam sua religiosidade da maneira como acreditavam ser a correta. Na falta de apoio eclesiástico, deixavam a religiosidade nas mãos de leigos e

⁸ Op. cit

⁹ Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019). Estimativas da população. Brasil. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=downloads>.

¹⁰ Cf. Seyferth, G. (1981). Nacionalismo e identidade étnica. Fundação Catarinense de Cultura.

¹¹ Cf. Jungblut, A. L. (1994). O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In C. Mauch & N. Vasconcellos (Orgs.), *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história* (pp. 139-147). Universidade Luterana do Brasil.

faziam o possível para satisfazer a população, mas nem sempre alcançavam seu êxito. Esse fator foi determinante para que algumas comunidades buscassem por apoio em instituições luteranas da Alemanha (Jungblut, 1994)¹².

No início da colonização da região da atual Seara, as agências colonizadoras contratavam serviços pastorais, fator positivo para as propagandas destinadas aos colonos, (Altmann, 2007)¹³. A IECLB de Seara teve como sua paróquia, até 1999, a localidade de Nova Estrela, no distrito de Arabutã. Naquele período, essas comunidades religiosas eram denominadas ‘evangélicas alemãs’ e sofriam repressões e perseguições por parte do Estado, de maioria católica. Diversas igrejas continuavam seus cultos clandestinamente. As restrições incluíam a proibição do uso da língua alemã nas celebrações e a obrigatoriedade de todos os pastores serem brasileiros (Altmann, 2007)¹⁴.

A comunidade luterana de Seara foi fundada no dia 27 de dezembro de 1976. O pastor era o da paróquia de Nova Estrela. Improvisadamente, os cultos e os rituais como casamento e batismo eram realizados nas casas dos membros. No decorrer dos anos, a comunidade luterana searaense da área urbana¹⁵ cresceu e a necessidade de um templo emergiu. Assim como a maioria das IECLBs, a de Seara recebeu apoio financeiro da Alemanha para construir seu templo; porém, não foi o suficiente. A comunidade precisou encontrar outros meios para conseguir atingir seu objetivo e as festas foram a alternativa encontrada.

Segundo o memorial descritivo da construção do templo, a igreja foi planejada no dia 28 de abril de 1982. Atualmente a igreja realiza, além dos trabalhos de evangelização, eventos religiosos, culturais e de entretenimento que se tornaram tradição, tais como a Macarronada do Dia de Ação de Graças, o Baile de Casais e o Kerbfest.

¹² Op.cit.

¹³ Cf. Altmann, L. (2007). Memória, identidade e um espaço de conflito: a comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingâng da Área Indígena Toldo Pinhal [Tese de Doutorado, Escola Superior de Teologia]. Repositório EST. <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/77?show=full>

¹⁴ Op.cit.

¹⁵ Já havia um templo da IECLB na área rural, como em Linha Taquarimbó, cujos registros mais antigos da igreja mencionam a data de 1940, escrito em canetas tinteiro e em língua alemã. Apesar de a localidade pertencer ao município de Seara, a comunidade também pertencia à paróquia de Nova Estrela.

Kerbfest: história e memória

Mesmo com a igreja construída, a comunidade ainda estava carente de recursos destinados aos trabalhos missionários, formação eclesiástica e outras despesas do templo. Como solução, a comunidade decidiu engajar-se na realização do *Kerbfest* para obtenção de recursos. A festividade é vista como uma tradição pelos searaenses, estando sempre presente no calendário oficial do município.

Analizando as fontes orais, surgiram dois significados para o termo *Kerbfest*: um relacionado ao dia da inauguração do templo, originado da palavra *Kirchweihfest*, conforme definido por Lenzi et al. (1989)¹⁶ e outro associado à palavra *Korb*, que significa ‘cesto’ em alemão, possivelmente elucidando a quantidade de cestos decorativos nas festas. A divergência de significados na memória coletiva de uma comunidade pode ser atribuída à incomunicabilidade dos estados mentais. Candau (2012)¹⁷ argumenta que as pessoas de um mesmo grupo social podem ter interpretações diferenciadas do mesmo acontecimento.

Nas gravações da oitava edição da festa do ano 2000, o pastor narrou que juntamente com outros dois membros, decidiu celebrar o *Kerbfest* em Seara (Foto Estúdio Bela Vista, 2000)¹⁸. Já nas entrevistas realizadas, concluiu-se que a prática foi inspirada nos *Kerbfesten* comemorados há muitos anos da cidade de Piratuba/SC e em outros municípios vizinhos de Seara, como Arabutã. Assim, a tradição da festa foi algo lembrado por uma pessoa e recebeu influências locais. Candau (2012)¹⁹ observa que é raro os indivíduos pensarem e agirem da mesma forma e compartilharem as mesmas memórias. No entanto, para estabelecer uma memória coletiva, é essencial uma única memória predominante aceita pela comunidade. Nesse caso, a memória do pastor e dos organizadores que importaram elementos da festa de Piratuba foi aceita pela comunidade, tornando-os referência sobre ‘como fazer um *Kerbfest*’.

O *Kerbfest* é entendido como uma festa que enaltece um passado em comum de uma população que apresenta um vínculo de um passado imaginado, relocado e adaptado. A festa, nesse caso, parece atravessar um tempo vazio,

¹⁶ Cf. Lenzi, Z. M., Salvador, N. T. M., & Konder, V. M. (1989). O Kerb em Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁷ Cf. Candau, J. (2012). Memória e identidade. Contexto.

¹⁸ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (2000). VIII KERBFEST (Segunda Noite) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

¹⁹ Op.cit.

consultando constantemente a história (Anderson, 2008)²⁰. Pessoas que jamais teriam se cruzado acabam se conhecendo simplesmente por compartilharem um suposto passado colonial. O Kerbfest, portanto, tornou-se um espaço de memórias realocadas e reinventadas, com práticas simbólicas que buscam representar um passado alemão presumido.

A festa era composta por quatro momentos: abertura, culto, *Bierwagen* e baile. Inicialmente as festas tinham duração de três dias, mas com o passar do tempo, reduziu-se para apenas um. Ao longo de 13 edições, houve mudanças que refletiram na maneira de festejar e de conceber a festa. Na abertura, o momento era destinado para organizar as demais etapas do Kerbfest. Nela, ruas eram enfeitadas, assim como vitrines de lojas e sacadas de casas. Além disso, eram realizados bailes para a terceira idade com a escolha da rainha e das princesas da festividade (Figura 1) e, por fim, ocorria a sangria do primeiro barril de chope.

Figura 1: Escolha da rainha e das princesas jovens (2002)



Fonte: IECLB, 2019²¹.

O Kerbfest era também compreendido entre os religiosos como uma festa sagrada. E era preciso reforçar essa sacralidade através do culto, que possuía características ecumênicas capazes de atender os participantes de

²⁰ Cf. Anderson, B. (2008). Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Companhia das Letras.

²¹ Fonte: Acervo fotográfico e documental IECLB. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (2019).

diferentes religiões. O culto festivo ocorria após o dia da abertura e as portas da igreja eram abertas a todos os participantes da festa. Esse era o momento para estreitar as relações do ser com o sagrado, atribuindo o sentido da festa ao indivíduo religioso e reforçando os valores sagrados da festividade para os religiosos. O culto era finalizado com cantos e partilha dos alimentos que estavam no altar. Percebia-se, entre os religiosos, que o culto era uma aproximação com seu Deus, uma rememoração da edificação do templo e uma forma de agradecimento pelas colheitas. Após o culto ocorria o *Bierwagen* (Figura 2), um desfile onde um caminhão distribuía chope e refrigerante gratuitamente à população. O desfile era acompanhado por trios elétricos que tocavam músicas típicas alemãs. Também havia um concurso de carros alegóricos que apresentavam enfeites com características das culturas teuto-brasileiras, ítalo-brasileira e cabocla. Contudo, ao analisar as fontes, foi possível observar mudanças na forma de desfilar e interpretar o desfile ao longo das edições. Em suma, o sagrado se manifesta na quebra do ritmo monótono do cotidiano da comunidade, é um momento de romper com a laicidade, e, ao contrário, e incluindo o lazer, rejubilar-se com a celebração da fé. De outro modo, pode-se dizer que a festa do *Kerb* de Seara é, em última instância, uma festa religiosa, com caráter de ‘consagração’, e, portanto, sagrada (Callois, 2015)²².

Figura 2: Membros da organização oferecendo produtos artesanais em cestas



Fonte: Foto Estúdio Bela Vista, 1998a²³.

²² Cf. Callois, Roger. (2015) O sagrado de transgressão – Teoria da festa. *Outravessia*, n. 19, p. 15-55.

²³ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (1998a). VI KERBFEST (Culto e Bierwagen) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

Em seguida ocorriam os bailes, que eram os momentos em que a população se reunia para comemorar. Neles eram praticados rituais como o saque das bonecas que ficavam suspensas em uma coroa de ciprestes no centro da pista de dança, seguidas da retirada da própria coroa com brincadeiras que animavam a população. Essa etapa da festividade revelou-se rica em teatralidades, gestos, gostos, danças e músicas. Foi um momento cujas renegociações étnicas se mostraram mais evidentes. Como exemplo, menciona-se a culinária, na qual foram preparados pratos não apenas considerados típicos germânicos, mas também de outras culturas, como o churrasco, que é característico da América do Sul. As músicas foram igualmente diversas, tocando além das tradicionais germânicas, as músicas tradicionais italianas, mexicanas e sertanejas. Era o momento em que – segundo os entrevistados – os membros, amigos e familiares reuniam-se para comemorar, festejar e alegrar-se.

Como mencionado anteriormente, um dos grandes destaques do baile era a presença das bonecas e seu ritual de saque. As bonecas eram penduradas abaixo de uma coroa ao centro do ginásio onde ocorriam os bailes. Os casais participantes entravam em uma competição para conseguir comprar e sacar as bonecas, que possuíam valores diferenciados de acordo com suas posições hierárquicas. A primeira delas, mais ornamentada e consequentemente a mais cara, era a rainha. Em seguida, havia uma sequência de princesas menos ornamentadas e com um valor reduzido. Para finalizar, havia as bonecas que não pertenciam à ‘realeza’, e por isso eram mais simples e mais baratas. A confecção das bonecas sofreu modificações no decorrer das edições, como pode-se observar na figura 3.

Figura 3 - Diferentes bonecas vendidas ao longo das edições dos bailes de Kerbfest.



Fonte: Elaborada pelos autores com base em imagens captadas em gravações audiovisuais:

A) II Kerbfest (Fonte: Foto Estúdio Bela Vista, 1994)²⁴; B) III Kerbfest (Fonte: Foto Estúdio Bela Vista, 1995c)²⁵; C) III Kerbfest (Fonte: Foto Estúdio Bela Vista, 1995b)²⁶; D) VI Kerbfest (Foto Estúdio Bela Vista, 1998b)²⁷; E) VIII Kerbfest (Fonte: Foto Estúdio Bela Vista, 2000); F) X Kerbfest (Fonte: Foto Estúdio Bela Vista, 2002b)²⁸.

Inicialmente a principal matéria-prima utilizada na confecção das bonecas era a garrafa de cerveja, que de certa forma, assemelhava-se com a silhueta da mulher tipicamente trajada. Os vestidos eram costurados e as cabeças eram compostas por recortes de rostos de mulheres colados

²⁴ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (1994). II KERBFEST [Vídeo]. Estúdio Bela Vista.

²⁵ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (1995c). III KERBFEST (Primeira Noite) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

²⁶ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (1995b). III KERBFEST (Segunda Noite) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

²⁷ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (1998b). VI KERBFEST (Primeira Noite) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

²⁸ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (2002b). X KERBFEST (Sexta e Sábado) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

a uma esfera de algodão (Figura 3: bonecas A, B e C). Havia ainda uma coroa para distinguir as peças que faziam parte da realeza (Figura 3: percebe-se a boneca A como rainha devido à presença de sua coroa). Os braços das bonecas eram feitos de arames com pequenas flores artificiais em suas extremidades, sugerindo um buquê (Figura 3: bonecas A e D).

Posteriormente, as bonecas passaram a receber cabelos sintéticos, e mais tarde, no lugar do rosto recortado de revistas, recebiam uma cabeça de plástico (Figura 3: bonecas E e F). Além disso, a cabeça passou a receber mais detalhes, como flores ou chapéus. Aos poucos as bonecas deixaram de possuir um corpo de garrafa, para ter um corpo de tecido (Figura 3: bonecas E e F).

Um elemento que influenciou no processo de confecção das bonecas foi a preocupação em zelar pela segurança dos festeiros, substituindo a garrafa por tecido ou plástico e, assim, reduzindo os riscos de acidentes. O último modelo de boneca produzida e registrada em vídeo estava rica em adornos, com cabelos bem detalhados, olhos de acrílico e aparência cada vez mais humana (Figura 3: boneca F). Outra possível consideração em relação às mudanças das bonecas estava relacionada com o desejo de agradar os compradores com uma peça mais decorada, ainda que fossem produzidas com aquilo que estava ao alcance das artesãs locais.

Com o passar dos anos, diminuiu-se consideravelmente o número de bonecas confeccionadas. No ano de 1998, foram feitas 60 bonecas; em 1999, 31 bonecas (IECLB, 1999)²⁹. No ano de 2000, foram reduzidas para dez unidades (IECLB, 2000)³⁰; em 2002, confeccionou-se apenas uma boneca. Com a análise das gravações dos bailes, percebe-se maior dificuldade na venda das bonecas mesmo com o estímulo e insistência dos músicos. Com o tempo, a festa passou a atrair um público mais jovem, e, se por um lado a venda de bonecas caiu, por outro houve aumento na venda de chope e cerveja.

O número de participantes no *Kerbfest* diminuiu, conforme apontado nas atas analisadas. Os entrevistados atribuíram essa queda aos decretos e leis que impuseram restrições às tradições da festa, tornando-a menos atrativa, como a proibição do consumo de bebidas em garrafas de vidro, a limitação da presença de crianças à noite, a mudança na confecção das bonecas e a obrigatoriedade de segurança para revistar os participantes. Restrições ao *Bierwagen*, como a proibição de distribuição de bebidas alcoólicas para evitar o consumo por menores, também contribuíram para a diminuição da atratividade da festa.

²⁹Fonte: Acervo fotográfico e documental IECLB. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (1999).

³⁰Fonte: IECLB. Acervo fotográfico e documental Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (2000).

Seguindo a perspectiva de Hobsbawm e Ranger (1997)³¹, os costumes evoluem com as mudanças na vida, mas a tradição persiste. Assim, é possível adaptar alguns costumes para manter a celebração, como ocorreu com a substituição das garrafas por materiais mais seguros na confecção das bonecas. A presença da boneca em si representa uma tradição, mas ao longo do tempo, houve ajustes nos métodos de fabricação para preservar esse símbolo festivo de maneira mais segura.

O *Kerbfest* searaense como uma festa de caráter religioso e cultural, representa também uma estratégia de representação da etnia teuto-brasileira. Em razão das necessidades ou impasses que surgiram, a festa passou por modificações ao longo dos anos com o intuito de dar continuidade à tradição.

Kerbfest: uma análise interpretativa

A etnia teuto-brasileira possui em sua germanidade, ou seja, em seu *Deutschstum*, valores físicos, espirituais e morais. O teuto-brasileiro é carregado de valores nacionalistas alemães, que são rememorados por meio dos costumes, das características do ‘espírito alemão’ e de sua língua. O indivíduo que nasce nessa cultura, procura manter os costumes, ainda que sua cidadania seja brasileira. Para isso, as instituições que dão suporte a essa manutenção do *Deutschstum* são a escola, a igreja, a família e os grupos recreativos (Seyferth, 1981)³².

No caso de Seara, a igreja, a família e os grupos recreativos deram suporte ao *Deutschstum*. Cabe mencionar que, no município, foi organizado um grupo de dança folclórica alemã, cujas danças eram coreografadas e re-passadas através de um grupo recreativo oriundo da cidade de Gramado (Rio Grande do Sul). Para Voigt (2018)³³, tais grupos recreativos foram criados por teuto-brasileiros para apoiar a Alemanha que estava arrasada após a Segunda Guerra Mundial. Anos mais tarde, em 1980, tais grupos começaram a trazer coreógrafos da Alemanha para ensinar danças pertencentes ao folclore alemão. Esses conhecimentos eram perpassados por agremiações espalhadas por todo o sul do Brasil, dentre elas o Alto Uruguai e o Vale do Rio do Peixe,

³¹ Cf. Hobsbawm, E., & Ranger, T. (1997). *A invenção das tradições*. Paz e Terra.

³² Op. Cit.

³³ Cf. Voigt, L. (2018). *O Espaço de práticas do folclore “alemão” autêntico no Brasil: um estudo de sociologia da cultura e das elites* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186102>

onde se encontra o Freude der Schmetterlinge Volkstanzgruppe aus Seara ou Grupo de Danças Folclóricas Alegria das Borboletas de Seara.

Assim, a partir dos estudos de Voigt (2018)³⁴, constata-se que, apesar do município de Seara não ter criado uma instituição de caráter germânico, organizou um grupo de dança com o objetivo de disseminar o folclore alemão no Brasil. Esse grupo foi organizado em 1995 e seu nome homenageia Fritz Plaumann, imigrante da Prússia que se instalou em Nova Teutônia, atual distrito de Seara, no ano de 1924, fazendo referência à sua imensa coleção de borboletas, que hoje formam parte do acervo do museu que detém o espólio do referido habitante de Seara (Foto Estúdio Bela Vista, 2002a)³⁵. O grupo possuiu fundamental relevância nos processos de representação do teuto-brasileiro. Além desse grupo, a igreja e a família eram locais onde ainda se preservavam os costumes alemães, mesmo após o período nacionalista da Era Vargas.

Dessa forma, percebe-se que a escola/educação formal, ao que nos consta, não teve papel relevante na manutenção do *Deutschtum*, no caso da valorização de tradições de origem germânica em Seara. Conforme aponta Schubring (2003)³⁶, as escolas nas colônias alemãs no sul do Brasil atuaramativamente na tentativa de impedir a assimilação do colono alemão ao escopo maior da sociedade brasileira, por meio do ensino da cultura teuto com fins de manutenção e preservação de valores e costumes. Talvez esteja aí a razão de uma certa ‘flexibilidade’ na participação de pessoas de etnias diversas e difusas no Kerb de Seara, considerando que a educação foi a principal instituição de defesa da segregação cultural e isolamento social dos imigrantes europeus no Brasil dos séculos XIX e XX. Contudo, mudanças consideráveis foram implantadas no sistema educacional brasileiro durante o período da Era Vargas, onde, ao contrário, se aplicam práticas pedagógicas visando criar a identidade patriótica do ‘ser brasileiro’ e, por isso, iniciou-se uma repressão ao ensino, oral e escrito, em língua alemã, visando também a homogeneidade linguística do português em território nacional (Santos, 2009)³⁷.

³⁴ Op. Cit

³⁵ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (2002a). X KERBFEST (Abertura) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

³⁶Cf. Schubring, G. (2003). Relações culturais entre Alemanha e Brasil: ‘imperialismo cultural’ versus ‘nacionalização’. *Zetetiké* 11(2), 56-109.

³⁷ Cf. Santos, A. (2009). A política educacional nacionalista e o aspecto linguístico na Era Vargas: vestígios na escola primária. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 90(225), 511-527.

Como menciona Voigt (2018)³⁸, a IECLB possuiu papel fundamental para a criação de um folclore germânico no Brasil, afinal, fez parte de uma elite intelectual que atuou em escolas com valores germânicos anteriores a década de 1930 e apoiou na formação de associações culturais germânicas. No contexto de sua instalação em Seara, apesar da IECLB possuir caráter missionário, ainda carregava consigo traços de seu passado alemão, vistos através dos cantos, hinos e até mesmo nos próprios registros das atas das comunidades escritas em alemão. Um exemplo, é o material encontrado na IECLB da Linha Taquarimbó (Seara), cujas atas possuí seus primeiros registros em língua alemã, escritos por um pastor no ano de 1940. Nos anos que seguem, os registros transitam entre pastores e presbíteros e há atas em alemão, em português e escritas de forma híbrida, com palavras alemãs entre frases portuguesas.

A família também é uma instituição muito importante para manter os elementos do *Deutschtum*, pois é através dela que a criança é socializada na comunidade. Para Seyferth (1981)³⁹, a educação que o indivíduo recebe de uma família determina suas atitudes dentro de uma comunidade étnica. Para a autora, o bilinguismo é admissível na esfera pública devido às relações políticas e econômicas que vigoram, onde o português deve ser utilizado. Entretanto, no âmbito familiar, o dialeto alemão deve permanecer. Em Seara o *Hunsrück*⁴⁰ era a língua materna de vários teuto-brasileiros que se identificavam como ‘alemães’ justamente pelo conhecimento e uso, de forma recorrente, desse dialeto. Caso o *Hunsrück* não fosse muito utilizado, outras práticas de origem germânica também eram comuns no cotidiano privado, como por exemplo as músicas e a culinária (Royer, 2017)⁴¹.

Os aspectos da cultura teuto-brasileira como o trabalho, a arquitetura, questões de gênero e a língua também foram elementos presentes na festividade de que buscava-se passar para gerações futuras através da repetição. Destaca-se que o trabalho foi uma atividade compreendida como um elemento sagrado para o teuto-brasileiro luterano. Meyer (2000)⁴² defende que Lutero traz a ideia

³⁸ Op. Cit

³⁹ Op. Cit.

⁴⁰ Cf. Segundo Royer (2017), *Hunsrück* é uma língua de imigração. É uma variedade dialetal utilizada por muitos descendentes de alemães e que faz alusão a uma região do *Hunsrück* no sudoeste da Alemanha, de onde vieram muitos imigrantes. A autora acrescenta que é uma das línguas alemãs que mais se fala no Brasil e que sofreu influências da língua portuguesa.

⁴¹ Cf. Royer, E. (2017). A língua, a casa e a festa: o patrimônio de origem alemã em São Carlos – SC [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Fronteira Sul]. Repositório Digital UFFS. <https://rd.uff.edu.br/handle/prefix/1699>

⁴² Cf. Meyer, D. E. E. (2000). Cultura teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero

de que o sagrado pode estar presente na vida e que relaciona o trabalho com a ‘vocação’ ou ao ‘chamado divino’, algo que em alemão é traduzido como Beruf, termo que, em português, significa ‘profissão’ (Meyer, 2000)⁴³.

Pensando na história do tempo presente, os teuto-brasileiros se definem como cidadãos brasileiros de descendência alemã que procuram preservar as tradições herdadas dos pais e avós. A germanidade não é pensada como uma fidelidade à Alemanha, como acontecia no período anterior à era nacionalista brasileira. No município de Seara não houve escolas com alfabetização na língua alemã. No tocante a escrita, é possível que apenas os mais antigos soubessem escrever; e alguns, possivelmente, teriam passado esse conhecimento para seus filhos. Quanto à língua, o dialeto era utilizado em âmbito familiar e na comunidade e por esse motivo é um pouco mais difundido até hoje. Aos poucos, com a perda do domínio da escrita em alemão e a diminuição do uso da língua ou dialeto, a identificação étnica voltou-se mais à sua descendência, aos costumes e às tradições, como as festividades. Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 189-190)⁴⁴ trazem importantes contribuições de Barth para se refletir sobre a identidade étnica, esclarecendo que um grupo étnico representa

[...] uma população que: 1) perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2) compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, 3) constitui um campo de comunicação e de interação, 4) possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

Essa definição pode ser aplicada para os teuto-brasileiros, já que buscaram perpetuar desde os tempos de migração, compartilhar valores em comum dentre os quais a língua, e a também se identificam como diferentes das outras etnias. Poutignat e Streiff-Fenart (2011)⁴⁵ alertam que seria ingênuo acreditar em uma possível definição para unidade étnica a ponto de conseguir encontrar uma totalidade de traços que definem uma identidade da outra. O teuto-brasileiro então se configura como uma etnia historicamente construída.

com raça, classe, nação e religião. *Educação e Realidade*, 5(1), 135-161.

⁴³ Op. Cit.

⁴⁴ Cf. Poutignat, P., & Streiff-Fenart, J. (2011). Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth (2a ed.). Unesp.

Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101591>

⁴⁵ Op. Cit

Para Barth, quando culturas diferentes interagem, as diferenças entre elas se reduzem, afinal, a interação delas requer uma congruência de códigos e valores (Poutignat & Streiff-Fenart, 2011)⁴⁶. Isso foi percebido nos desfiles do *Bierwagen*, onde as etnias participantes exibiam diferentes vestuários, músicas e outros elementos considerados representativos de seu grupo.

Na análise da festa, percebeu-se que mesmo os signos considerados elementos de pertença e representação dos teuto-brasileiros são negociados com as outras etnias, como por exemplo, nos critérios para a seleção da rainha e princesas do baile. Barth menciona que, para haver uma relação interétnica estável é necessário um conjunto de prescrições e proibições entre os grupos (Poutignat & Streiff-Fenart, 2011)⁴⁷. No caso da festa, foram atribuídos critérios para a seleção das princesas e da rainha; contudo podiam participar do concurso moças independentemente de sua identidade étnica.

Para Barth, a sobrevivência de uma etnia depende de estratégias, de estar aberto para mudanças (Poutignat & Streiff-Fenart, 2011)⁴⁸. Nas edições da festa, esses fatores ficaram evidentes, por exemplo, nas atitudes da organização quanto aos concursos de carros alegóricos no *Bierwagen*. Quando as etnias deixaram de ser representadas por meio de símbolos, optou-se por eliminar a competição e manter o caminhão do *Bierwagen* para distribuição de bebidas ao som de músicas típicas, podendo assim, exibir as características étnicas que a própria organização desejava apresentar. Outra estratégia foi convidar pessoas de outras etnias para auxiliarem no trabalho de organização e preparação da festa. Também foi utilizada a troca de visitas com outras comunidades como forma de ter uma garantia de público presente. Essas alternativas encontradas contribuíram para a manutenção da festividade.

O *Kerbfest* de Seara foi um evento com características locais. Na historiografia das festas promovidas em Santa Catarina, o *Kerbfest* foi relatado de diferentes formas. Lenzi et al. (1989)⁴⁹ observam que os sentidos da festa podem ser atribuídos a uma confraternização em família, uma comemoração do dia do padroeiro ou aniversário da inauguração da igreja. Por outro lado, foi possível notar que as festas de *Kerbfest* realizadas em Santa Catarina tem pontos em comuns, sendo festas de confraternização, de caráter sagrado (católico ou luterano), possuem a boneca nos bailes e remetem a um passado

⁴⁶ Op. Cit

⁴⁷ Op. Cit

⁴⁸ Op. Cit

⁴⁹ Op. Cit

de colonização com descendentes de alemães, oriundos da segunda fase da imigração alemã que migraram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina.

Sobre as definições da festa, as memórias dos membros que compunham a coordenação de algumas edições mostraram-se confusas, possivelmente porque as comemorações do Kerbfest possuíam conexões e trocas de experiências vividas de uma festividade para outra, surgindo uma confusão sobre qual festividade se referia uma determinada recordação. Essas conexões fomentariam ainda mais a ideia de que a festa era algo criado, planejado, como defendem Hobsbawm e Ranger (1997)⁵⁰, afirmando que as tradições são inventadas e que pertencem a um passado construído, idealizado.

Isso explica os motivos pelos quais os entrevistados não souberam definir o significado das bonecas, nem mesmo da coroa da festa. Alguns elementos da festa não teriam sua gênese no município, mas eram fruto de conexões com outras *Kerfesten* promovidas em outras regiões de imigração alemã e que passaram a ser reproduzidas com o passar dos anos em Seara. No município, a festividade foi criada a partir da proposta de um pastor e ao longo das edições, outros pastores atribuíram valores diferenciados a ela. Havia pastores que direcionavam seus cultos como um compartilhar de alegrias com os seus semelhantes, olhando o festejar como algo necessário do homem. Por outro lado, havia pastores que tentavam legitimar a festa com a lembrança daqueles que “vieram de longe, [...] que atravessaram o oceano em busca de novas terras e novas oportunidades de vida” (Foto Estúdio Bela Vista, 1995a)⁵¹, e que, agora, festejam os processos de colonização com a adaptação do europeu no Brasil.

Ressalta-se que o Kerbfest ganhou características muito semelhantes com as festas de outubro, como a Oktoberfest. As festas de outubro eram baseadas nas *Oktoberfesten* de Munique, na Alemanha, que se iniciaram em 1810. Já as festas no Brasil iniciaram entre o final da década de 1970 e a década de 1980 (Voigt, 2018)⁵². Voigt (2018)⁵³ esclarece que foi nessa última década e nos anos 1990 que os grupos de danças folclóricas ‘alemães’ começaram a ser difundidos no sul do Brasil. E esse também foi um período de amplas manifestações germânicas no país, o que coincide com a fundação do Grupo de Danças Folclóricas Alegria das Borboletas de Seara (*Freude der Schmetterlinge Volkstanzgruppe aus Seara*) no ano de 1995.

⁵⁰ Op. Cit

⁵¹ Fonte: Foto Estúdio Bela Vista. (Produtor). (1995a). III KERBFEST (Culto e Bierwagen) [Vídeo]. Foto Estúdio Bela Vista.

⁵² Op. Cit

⁵³ Op. Cit

Apesar do *Kerbfest* apresentar alguns elementos que lembrem as *Oktoberfesten*, como a presença de grupos de danças, as músicas e os trajes, o *Kerbfest* é uma festividade criada e construída no Brasil. Assim, pensando a festa como fruto de uma influência regional, ficou mais difícil imaginá-la como algo comemorado na Alemanha, até porque o início da imigração alemã no Brasil ocorreu em 1824, período anterior à unificação da Alemanha. Falava-se em reinados e ducados como da Baviera e da Prússia, regiões que tinham suas especificidades, mas não era possível falar sobre uma ‘Alemanha’ nem de imigrantes ‘alemães’, apenas que os que ali habitavam falavam a língua.

Como forma de legitimação, procurou-se um passado imaginado, buscando-se características comuns como forma de união. Por intermédio das relações que a igreja luterana possuía com a Alemanha de auxílio mútuo, desde o período posterior à Segunda Guerra Mundial com o Socorro para a Europa Faminta até o incentivo de criações de instituições como clubes recreativos, bolsas de estudo e construções de novas igrejas, foi criado um sentimento de união entre os teuto-brasileiros. E essa união, por sua vez, cresceu após o período de repressão da Era Vargas, impulsionando nos teuto-brasileiros a busca por representatividade.

Outras evidências de que o *Kerbfest* é uma festa criada no Brasil estão nas próprias danças e trajes típicos. Voigt (2018)⁵⁴ aponta que essas danças eram oriundas de estudos folclóricos da Alemanha escritas entre o fim do século XVIII e o século XIX e compreenderam um conjunto de práticas e costumes provenientes de 1500 a 1800. Segundo Voigt (2018)⁵⁵, o trabalho dos folcloristas alemães foi de ‘reconstruir um povo’ e as elites intelectuais da época trabalharam para catalogar uma série de fenômenos e práticas culturais da população, como foi o caso dos irmãos Grimm, por exemplo. Logo, esses elementos culturais ‘resgatados’ por folcloristas contribuíram para a criação da consciência de uma nação alemã.

Nesse sentido, os grupos de danças foram importantes para o *Kerbfest*, pois eram influenciadores do público. As danças eram definidas pelos organizadores da festa e pelos grupos que dela participavam e ambos determinavam o que seria aceito ou não. Tratava-se de um jogo de gestos e de cumprimentos que contêm seus significados. Os ritmos mais populares eram polcas, valsas e marchas. Assim, as danças típicas, bem como os trajes típicos foram frutos de uma criação na Alemanha trazida para o Brasil na década de 1980, por meio de

⁵⁴ Op. Cit

⁵⁵ Op. Cit

Clubes Culturais e Recreativos e por festas que fomentavam a disseminação do folclore alemão e assimilados como pertencentes a um passado alemão que deveria ser mantido pelos descendentes de imigrantes alemães. Contudo, a prática de festejar o Kerbfest na região é anterior a chegada desses elementos simbólicos do folclore alemão, pois, segundo o site da prefeitura municipal de Arabutã (Santa Catarina), esse evento é comemorado desde 1936 (Kerb, 2021)⁵⁶.

Apesar da criação desse passado imaginado, a festa conferiu uma ideia de ‘lar’, mediante a fantasia e as representações oferecidas aos festeiros – principalmente os teuto-brasileiros. A noção de lar é ampla, vai além do habitar e é carregada de experiências fundamentais da existência dos seres. Seyferth (1981)⁵⁷ traz o conceito de *Heimat*, derivada da palavra *Heim* (lar em alemão), que, no seu sentido mais restrito é ‘pátria’. O *Heimat*, seria, portanto: “[...] o país ao qual uma pessoa está ligada, seja pelo nascimento, seja pela lembrança, seja por herança seja por laços emocionais” (Seyferth, 1981)⁵⁸. Esse conceito teria sentido para a pessoa, caso ela estivesse ligada ao *Deutschstum*, isto é, aos valores germânicos presentes no Kerbfest de Seara.

Cabe mencionar que alguns pratos da festa eram bastante representativos, pois a culinária estabeleceu uma identidade entre os indivíduos. No Kerbfest, bem como no cotidiano da etnia teuto-brasileira, está a combinação dos pratos com diferentes sabores, incluindo doces, salgados e chope. Na festa, as mulheres produziam cucas, salames cozidos, joelhos de porco (*einsbein*) e batatas cozidas e fritas.

O Kerbfest não deixa de possuir um caráter de confraternização e de comemoração das colheitas, pois um dos símbolos da festa em Seara eram as cestas, relembradas pelos organizadores como um meio para guardar os alimentos leiloados para a igreja. A presença das flores em cestos e na decoração de todo o Kerbfest demonstrou valores sagrados.

O trabalho era coletivo e voluntário, ou seja, não gerava lucros para uma pessoa, mas sim para a comunidade religiosa de Seara. Isso construía nos voluntários a sensação de trabalhar para um bem comum e maior, atingindo a esfera sagrada que visava o crescimento e a manutenção da igreja. Portanto, esse trabalho foi considerado simbolicamente sagrado, constituindo-se como uma das características mais representadas do Kerbfest de Seara

⁵⁶Fonte: Kerb Fest de Arabutã (2021). Acessado em 06 de maio de 2021, de <https://turismo.arabuta.sc.gov.br/o-que-fazer/item/kerb-fest-de-arabuta>

⁵⁷ Op. Cit

⁵⁸ Op. Cit. P.46

nos documentos que foram produzidos sobre essa festividade, nos discursos dos pastores em cultos festivos e nas lembranças dos organizadores.

Convém mencionar que a mulher possuiu um papel de representatividade marcante no *Kerbfest*. A elas eram atribuídos os cargos de mães de uma ‘nação alemã’, conforme relata Meyer (2000)⁵⁹, da mulher cuidadora, responsável por ensinar, incutir costumes e comportamentos. Contudo, o papel da mulher na sociedade colonial de origem alemã ia muito além, designando-se diversas funções nas divisões sexuais de trabalho, como aponta Fridrich e Soares (2014, p. 10)⁶⁰, no contexto das colônias pioneiras do Rio Grande do Sul, instaladas a partir do século XIX:

Havia uma distinção entre o trabalho da mulher e do homem, mas a mulher atuava nas duas pontas. Sua função compreendia desde os trabalhos domésticos, atividades tidas como típicas da mulher, até as que eram, especificamente, atribuídas e destinadas aos homens. Trabalhavam nas lavouras junto de seus pais, irmãos ou maridos onde realizavam atividades as mais variadas possíveis, contribuindo assim com grande parcela da produção da propriedade, e consequentemente da renda familiar. Quando esses trabalhos terminavam, elas ainda se separavam com outros afazeres domésticos: cuidar das galinhas, dos porcos, da horta, do leite, do queijo, dos filhos, além de costurar, bordar, que em todas essas atribuições, as mulheres podiam estar produzindo renda com a comercialização, portanto, ampliando o orçamento do seu grupo familiar.

No *Kerbfest*, as mulheres eram responsáveis pela preparação dos alimentos, decoração e diversas outras atividades, reproduzindo na festa a equivalente polivalência que ocorria no cotidiano, indo muito além das ‘idealizadas’ esferas domésticas. De acordo com Meyer (2000)⁶¹, durante o período de imigração, as mulheres tinham a responsabilidade de perpetuar a cultura germânica. Naqueles tempos, a literatura, especialmente a poesia, trazia elementos voltados ao pertencimento nacional, vinculados a questões de gênero. Isso é evidenciado pelo termo *Mutterland* referindo-se à ‘terra-mãe’, associada

⁵⁹ Op. Cit

⁶⁰ Cf. Fridrich, F. H., & Soares, A. L. R. (2014, agosto). Alimento e gênero: a “alma da casa” e o “espírito protetor”, uma idealização do papel da mulher nas colônias imigrantes do Rio Grande do Sul no século XIX. In Anais do XII Encontro Estadual de História da Anpuh, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/30/1405471517_ARQUIVO_TrabalhocompletodaANPUH2014semresumo.pdf

⁶¹ Op. Cit

à nação, e *Vaterland* como a ‘terra pai’ ou pátria. A autora faz uma relação e conclui que havia uma noção de casamento ideal entre a terra natal, ou seja, as regiões germânicas, com a pátria, ou seja, o Brasil. Ela articula, dessa maneira, o ideal de ‘pai’ ao Brasil, onde estaria destinado o lado econômico, quem ditava às ordens e a quem se devia o respeito enquanto o ideal de ‘mãe’ estaria ligado ao território germânico. A mãe seria aquela que ‘gestou e deu a luz’, transmitiu a cultura, produziu o alimento e governou as emoções enquanto o *Heim* (lar) seria um lugar protegido pelo afeto e longe das preocupações políticas e econômicas que foi voltado ao ‘pai’. Essa relação pode ser feita com o Kerbfest de Seara, pois ao homem cabia o papel de organizar, planejar e dar ordens, ocupando cargos administrativos e econômicos da festa enquanto à mulher coube a busca por referências da festa, o trabalho de confeccionar os enfeites e as bonecas, de enfeitar a igreja, cozinhar e apresentar a maioria dos elementos que eram tradicionais da festividade e que deveriam ser compreendidos e passados para as gerações futuras.

Nessa ótica, a rainha e as princesas do Kerbfest eram escolhidas e julgadas como as que melhor representavam os elementos voltados à festa, e, por extensão, ao *Deutschstum*. A rainha e as princesas levavam os elementos da *Mutterland*, mostrando para a população um ideal imaginário de mulher teuto-brasileira. Os títulos conferem simbolicamente um grau de soberania, de poder temporário de destaque, o que as diferenciava das demais mulheres que participavam da festividade. As principais características esperadas para as participantes são a juventude, o traje típico, carregar flores, ser simpática no *Bierwagen* e nos bailes.

O mesmo conceito se estendeu às bonecas. Por elas carregarem a tradição da festa, estiveram em todas as edições, mesmo quando não foram vendidas, como ocorreu nos últimos bailes. A boneca ornada com trajes típicos era considerada valiosa por carregar esses elementos, sendo motivo de competição. Quem adquiria a boneca, a exibia com ostentação. A esse objeto eram atribuídos valor e respeito, pois os festeiros costumavam exaltar quem portava a boneca. Havia nela um valor sagrado voltado ao *Deutschstum*, porque o montante por ela arrecadado era investido na igreja. A boneca era um elemento carregado de valor simbólico, que remetia à *Mutterland*, ideal germânico de feminilidade.

Na festividade reuniram-se, além dos bens culturais voltados a um passado idealizado, os bens que fazem parte da vida do oeste catarinense, em especial das localidades de imigração germânica. Pelo teor de representações

de uma identidade coletiva e, principalmente, pelo compartilhamento de memórias em comum de uma comunidade, foi possível tratar o *Kerbfest* como um patrimônio teuto-brasileiro searaense.

Segundo Funari e Pelegrini (2009)⁶², a palavra patrimônio deriva do latim *patrimonium*, que, para os antigos romanos, se referia a tudo aquilo que pertencia ao pai (*pater*, o pai de família). Para os romanos, o patrimônio estava ligado diretamente aos interesses aristocráticos. Sendo eles proprietários de terras ou escravos, portanto, seriam possuidores de um patrimônio. Anos mais tarde, conforme destacam os autores, com o surgimento de Estados nacionais, houve uma necessidade de inventar “[...] um conjunto de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua e uma cultura, uma origem e um território” (Funari & Pelegrini, 2009)⁶³. Tinha-se, então, formado o nacionalismo, com um sentimento de pertença que os cidadãos deveriam possuir sobre seu território.

Conforme Funari e Pelegrini (2009)⁶⁴, atualmente os sentimentos de pertença extrapolam os ideais nacionais para outros meios como bens materiais – e esses variam desde uma joia até uma fotografia, seja pelo seu valor emocional, comercial ou religioso. Os autores explicam, ainda, que o patrimônio espiritual ou imaterial são os ensinamentos deixados pelos antepassados, a maneira de fazer algo, de dançar, de falar. Citam também a existência de um patrimônio coletivo que são os elementos considerados como patrimônio por uma coletividade; contudo, ressaltam que a coletividade é composta por diversos grupos, com interesses diferentes e até conflitantes.

O *Kerbfest* searaense traz elementos materiais e imateriais que referenciam a identidade teuto-brasileira em diversas formas de expressão. Além disso, apresentam modos de criar, fazer e viver da população teuto-brasileira searaense com intenções de repassar seus aprendizados, seus costumes e suas tradições para as gerações seguintes por meio da festa. Os meios encontrados para transmitir essas heranças foram por intermédio de suas representações, tais como a oferta de alimentos artesanais no culto festivo, a produção de alimentos, a dança em casais, as músicas apresentadas, as casas em arquitetura enxaimel e as refeições que misturam cucas com linguiças e cerveja ou chope. Nessa perspectiva, as cenas notadas na festa, e apontadas anteriormente, são consideradas bens que foram aprendidos, herdados, sofreram modificações, mas que representam uma maneira de viver no oeste catarinense.

⁶² Cf. Funari, P. P. A., & Pelegrini, S. C. A. (2009). Patrimônio histórico e cultural. Jorge Zahar.

⁶³ Op. Cit. P.16

⁶⁴ Op. Cit.

Em suma, o *Kerbfest* de Seara foi formado por elementos materiais e imateriais, tornando-se um lugar de memória, com rituais próprios, sentimento de pertença e demonstrativo dos elementos da vida cotidiana do oeste catarinense, em especial das localidades de colonização germânica. A festa também possuiu preocupações com a preservação, o futuro e a perpetuação do *Deutschstum*, isto é, os valores morais, espirituais e costumes que são a base da germanidade, essa que, por sua vez, foi responsável por criar laços de pertencimento entre os teuto-brasileiros searaenses.

Considerações finais

Na pesquisa, foram analisadas as edições ocorridas entre os anos de 1993 e 2005 do *Kerbfest* de Seara (Santa Catarina), festividade criada a partir de outros eventos semelhantes realizados regionalmente que visava representar a população teuto-brasileira através do folclore alemão contemporâneo. Os teuto-brasileiros de Seara, em sua grande maioria, nasceram nas regiões de colonização germânica do Rio grande do Sul, tais como: vales do Rio Taquari, Jacuí e Caí. Essa população, quando migrou para Seara e mediações ainda na primeira metade do século XX, trouxe na bagagem suas práticas culturais referentes a hábitos alimentares, a saberes relativos à construção das casas, às festividades e à religiosidade.

O *Kerbfest*, além das expressões culturais atreladas ao teuto-brasileiro, também apresenta aspectos culturais e históricos regionais, uma vez que a cultura não é estática e os grupos não vivem isolados. Embora para os participantes fosse um momento de diversão, de encontro e consumo de alimentos e bebidas, para o teuto-brasileiro luterano searaense o *Kerbfest* é uma festa carregada de sentimento de identidade. Muitos dos elementos decorativos estavam carregados de sentido, de valores que remetiam aos ideais da germanidade e da religiosidade. A presença das bonecas nos bailes, os trajes, as músicas e as comidas típicas, os enfeites utilizados nos carros alegóricos, na igreja e nos bailes remetiam a um passado imaginado, difundido no sul do país a partir dos valores da germanidade. Esses costumes passaram a ser valorizados e difundidos no Brasil, sobretudo, nas décadas de 1970 a 1980, retratando um folclore alemão contemporâneo que tinha por objetivo rememorar costumes do passado.

Embora, o *Kerbfest* tenha sido uma festividade construída no Brasil e não uma herança germânica trazida da Alemanha, após a análise das fontes e dos referenciais teóricos que tratam das questões ora abordadas é possível

olhar o *Kerbfest* de Seara sob a ótica de uma festividade que construiu laços de pertencimento entre os teuto-brasileiros e conclui-se, portanto, que se tornou um patrimônio cultural do município.

Referências

- Altmann, L. (2007). Memória, identidade e um espaço de conflito: a comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingáng da Área Indígena Toldo Pinhal [Tese de Doutorado, Escola Superior de Teologia]. Repositório EST. <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIPE/77?show=full>
- Anderson, B. (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Companhia das Letras.
- Callois, Roger. (2015) O sagrado de transgressão – Teoria da festa. *Outravessia*, n. 19, p. 15-55.
- Candau, J. (2012). *Memória e identidade. Contexto*.
- Fridrich, F. H., & Soares, A. L. R. (2014, agosto). Alimento e gênero: a “alma da casa” e o “espírito protetor”, uma idealização do papel da mulher nas colônias imigrantes do Rio Grande do Sul no século XIX. In Anais do XII Encontro Estadual de História da Anpuh, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. chrome-extension://efaidnbmnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/30/1405471517_ARQUIVO_TrabalhocompletodaANPUH2014semresumo.pdf
- Funari, P. P. A., & Pelegrini, S. C. A. (2009). *Patrimônio histórico e cultural*. Jorge Zahar.
- Gonçalves, E., Manfroi, F., & Nardi, I. (2004). Sociedade searaense: o processo de colonização [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade do Contestado].
- Hobsbawm, E., & Ranger, T. (1997). *A invenção das tradições. Paz e Terra*.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019). Estimativas da população. Brasil. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=downloads>.
- Jungblut, A. L. (1994). O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. In C. Mauch & N.

Vasconcellos (Orgs.), *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história* (pp. 139-147). Universidade Luterana do Brasil.

Kerb Fest de Arabutã (2021). Acessado em 06 de maio de 2021, de <https://turismo.arabuta.sc.gov.br/o-que-fazer/item/kerb-fest-de-arabuta>

Lenzi, Z. M., Salvador, N. T. M., & Konder, V. M. (1989). *O Kerb em Santa Catarina*. Universidade Federal de Santa Catarina.

Meyer, D. E. E. (2000). Cultura teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. *Educação e Realidade*, 5(1), 135-161.

Piazza, W. F. (1994). A colonização de Santa Catarina. Lunardelli.

Poutignat, P., & Streiff-Fenart, J. (2011). *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras* de Fredrik Barth (2a ed.). Unesp.

Radin, J. C. (2006). Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101591>

Royer, E. (2017). A língua, a casa e a festa: o patrimônio de origem alemã em São Carlos – SC [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Fronteira Sul]. Repositório Digital UFFS. <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1699>

Santos, A. (2009). A política educacional nacionalista e o aspecto linguístico na Era Vargas: vestígios na escola primária. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 90(225), 511-527.

Schubring, G. (2003). Relações culturais entre Alemanha e Brasil: ‘imperialismo cultural’ versus ‘nacionalização’. *Zetetiké* 11(2), 56-109.

Seyferth, G. (1981). *Nacionalismo e identidade étnica*. Fundação Catarinense de Cultura.

Seyferth, G. (1999). *A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito*. In B. Fausto (Org.), *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina* (pp. 273-313). EDUSP.

Valentini, D. J. (2009). Atividades da Brazil Railway Company no sul do Brasil: a instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906 - 1916) [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional PUCRS. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3882>

Voigt, L. (2018). O Espaço de práticas do folclore “alemão” autêntico no Brasil: um estudo de sociologia da cultura e das elites [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186102>

Willems, E. (1946). *A Aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil*. Companhia Editoria Nacional.

Artigo recebido para publicação em 16/05/2025 e aprovado em 04/11/2025.